

# TECENDO IDENTIDADES NEGRAS: LITERATURAS AFRO-BRASILEIRAS E TRILHAS GAMIFICADAS (CREATOR4ALL) NO ENSINO FUNDAMENTAL I



## WEAVING BLACK IDENTITIES: AFRO- BRAZILIAN LITERATURE AND GAMIFIED PATHWAYS (CREATOR4ALL) IN ELEMENTARY EDUCATION (GRADES 1–5)

**ALANA SILVA MOREIRA LOPES**

Licenciada em Pedagogia; licenciada em História; Especialista em Alfabetização e Letramento; mestra em educação. Professora da rede municipal de educação da cidade de Presidente Prudente – SP.

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta pedagógica que visou fortalecer a valorização da cultura afro-brasileira e das relações étnico-raciais nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em consonância com a Lei nº 10.639/2003, a Base Nacional Comum Curricular e as diretrizes curriculares municipais. Desenvolvida em 2025 com uma turma de 4º ano de uma escola pública, a experiência dá continuidade ao trabalho iniciado em 2024, quando a escola participou de um projeto em parceria com o Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão (NUPE/UNESP), que promoveu práticas antirracistas por meio de contação de histórias, brincadeiras afrocentradas, rodas de conversa, oficinas de capoeira, confecção de bonecas Abayomi e doação de livros para a biblioteca escolar. A partir dos resultados positivos dessa vivência, a professora incorporou de forma sistemática a literatura afro-brasileira ao cotidiano da sala de aula, realizando uma curadoria de obras de autores e autoras negros, com o propósito de ampliar as referências culturais, identitárias e simbólicas das crianças. O projeto articulou também aspectos relacionados à cidadania, saúde emocional, ancestralidade, pertencimento e uso de tecnologias digitais. A literatura foi utilizada como ferramenta para promover o reconhecimento positivo das crianças negras, incentivar o respeito à diversidade entre todos os estudantes e enfrentar estereótipos e preconceitos. Os resultados evidenciaram que a integração entre literatura e vivências artístico-culturais contribuiu significativamente para a formação ética, estética e identitária das crianças, fortalecendo uma educação democrática, inclusiva e antirracista, consolidando-se como uma prática pedagógica inspiradora e transformadora.

**Palavras-chave:** Educação Básica; Pedagogia interseccional; Educação antirracista; Tecnologias Digitais.

## ABSTRACT

This article presents a pedagogical proposal aimed at fostering the appreciation of Afro-Brazilian culture and ethnic-racial relations in the early years of elementary education, in alignment with Law No. 10.639/2003, the National Common Curricular Base (BNCC), and municipal curricular guidelines. Carried out in 2025 with a 4th-grade class at a public school, this initiative builds upon work begun in 2024, when the school participated in a partnership project with the Black Research and Extension Center (NUPE/UNESP). That project promoted anti-racist practices through storytelling, Afrocentric games, discussion circles, capoeira workshops, the making of Abayomi dolls, and book donations to the school library. Building on the positive outcomes of that experience, the teacher systematically incorporated Afro-Brazilian literature into daily classroom life, curating works by Black authors to broaden the children's cultural, identity-related, and symbolic frames of reference. The project also addressed aspects of citizenship, emotional health, ancestry, a sense of belonging, and the use of digital technologies. Literature served as a tool to foster positive self-recognition among Black children, encourage respect for diversity among all students, and challenge stereotypes and prejudice. The results demonstrated that integrating literature with artistic and cultural experiences contributed significantly to the children's ethical, aesthetic, and identity development, strengthening a democratic, inclusive, and anti-racist approach to education and establishing itself as an inspiring, transformative pedagogical practice.

**Keywords:** Basic Education; Intersectional pedagogy; Anti-racist education; Digital technologies.

## INTRODUÇÃO

A valorização da cultura afro-brasileira e das relações étnico-raciais constitui um compromisso essencial das escolas brasileiras, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, etapa em que as crianças constroem referenciais identitários, ampliam valores éticos e desenvolvem a capacidade de ler o mundo a partir da diversidade que o compõe.

Em 2025, a proposta pedagógica aqui apresentada emergiu como continuidade de um percurso formativo iniciado no ano anterior, buscando fortalecer práticas alinhadas à Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003), à Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e às orientações curriculares do município.

A professora responsável pela turma acompanha esse grupo de estudantes desde o ano de 2024, período em que a escola participou de um projeto colaborativo com o Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão (NUPE) da UNESP. Ao longo daquele ano, estudantes bolsistas do NUPE desenvolveram na escola diversas práticas antirracistas, como contação de histórias de matriz africana, brincadeiras afrocentradas e rodas de conversa sobre identidade e pertencimento.

No encerramento das atividades, o grupo realizou uma ampla oficina com a comunidade escolar, envolvendo vivências de capoeira, confecção de bonecas Abayomi, contação de histórias africanas e doação de livros para o acervo da biblioteca. Essa experiência ampliou o repertório cultural das crianças e reforçou a importância de práticas sistemáticas que valorizassem a ancestralidade africana e o protagonismo negro.

Diante dos impactos positivos do projeto e da necessidade de assegurar sua continuidade, a professora decidiu aprofundar esse trabalho em 2025, agora com atividades planejadas, executadas e avaliadas diretamente na rotina da sala de aula.

O ponto de partida foi a curadoria dos livros disponíveis na escola, priorizando obras de autores e autoras negros e negras, que pudessem ampliar as referências simbólicas, culturais e identitárias das crianças.

A proposta foi implementada em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública, composta por estudantes com diferentes trajetórias sociais e culturais, para os quais se tornava fundamental promover práticas pedagógicas baseadas no respeito, na empatia, na equidade e na construção de vínculos identitários positivos.

A prática reafirma o papel da literatura afro-brasileira como dispositivo pedagógico capaz de romper paradigmas, enfrentar preconceitos e ampliar visões de mundo.

Ao permitir que as crianças negras se reconheçam positivamente nas narrativas, e que as crianças não negras aprendam a respeitar e valorizar a diversidade, a proposta consolidou-se como uma prática transformadora.

Assim, reconhece-se que a literatura e as vivências artístico-culturais não constituem apenas estratégias didáticas, mas caminhos potentes para a formação ética, estética e identitária das crianças, fortalecendo o compromisso da escola com uma educação democrática, plural e antirracista.

## **PERPASSANDO JUSTIFICATIVAS E CAMINHOS METODOLÓGICOS**

A prática desenvolvida em 2025 nasce de uma necessidade concreta observada no cotidiano da turma e da escola: aprofundar uma educação antirracista que favoreça a construção da identidade, da autoestima e do respeito à diversidade entre as crianças.

Em 2024, por meio da parceria com o Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão (NUPE/UNESP), as vivências promovidas pelo grupo, como contação de histórias afrocentradas, brincadeiras tradicionais africanas, oficina de capoeira e confecção de Abayomis, evidenciaram mudanças significativas no modo como as crianças compreendiam a cultura afro-brasileira e a diversidade racial.

Contudo, também se revelou que persistiam lacunas importantes, como a reprodução de estereótipos e o desconhecimento sobre símbolos, referências, autores negros e narrativas que afirmassem positivamente a negritude.

Diante desse cenário, e acompanhando a mesma turma desde o ano anterior, a professora identificou a necessidade de dar continuidade ao processo formativo iniciado, mas agora estruturando um projeto sistematizado, com ações planejadas e integradas ao currículo. A proposta, portanto, surge tanto como resposta pedagógica quanto como ampliação de uma experiência que demonstrou potencial transformador.

Do ponto de vista teórico, a justificativa encontra base sólida em autores negros que defendem a centralidade da educação antirracista na formação das crianças.

Gomes (2017) destaca que a escola é um espaço decisivo para a disputa de narrativas e representações. Para a autora, oferecer livros e práticas que valorizem a história e a cultura afro-brasileira é fundamental para romper com padrões de invisibilidade e construir identidades positivas entre crianças negras, ao mesmo tempo em que educa crianças não negras para o respeito e a convivência ética com a diferença.

Munanga (2005) argumenta que a ausência ou distorção de referências negras nos materiais pedagógicos contribui para a formação de preconceitos desde a infância. Assim, práticas que promovem representações afirmativas são caminhos eficazes para desconstruir estereótipos, ampliar repertórios e fortalecer as bases de uma sociedade mais justa.

bell hooks<sup>1</sup> (2013) afirma que a educação deve ser entendida como um ato libertador, capaz de promover consciência crítica, afetividade, diálogo e transformação pessoal e social. Trabalhar com literatura afro-brasileira, experiências simbólicas, arte e tecnologia alinha-se diretamente com essa perspectiva emancipadora.

Ribeiro (2019) ressalta que a construção de uma consciência antirracista depende do acesso a referências positivas, da valorização da ancestralidade e da compreensão das desigualdades estruturais. Assim, criar ambientes educativos que ofereçam narrativas diversas e representativas é uma forma ética e política de garantir condições igualitárias de formação.

A proposta dialoga fortemente com o Projeto Político-Pedagógico da escola, que destaca a promoção da equidade, da inclusão e do respeito à diversidade como princípios norteadores. A prática também está alinhada às Orientações Curriculares da Rede Municipal, que reforçam a obrigatoriedade e relevância do trabalho com a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, conforme determina a Lei nº 10.639/2003.

Além disso, conecta-se diretamente às competências gerais da BNCC (2018), especialmente: Empatia e cooperação; Responsabilidade e cidadania; Valorização da diversidade cultural; Uso crítico e criativo de tecnologias; e Conhecimento artístico e cultural.

Ressalta-se, também, que tais princípios dialogam de forma consistente com o Currículo Paulista, adotado pela Prefeitura de Presidente Prudente, que orienta a organização das práticas pedagógicas no sistema municipal de ensino. Esse currículo reforça a centralidade do estudante, a promoção da equidade e o desenvolvimento integral, valorizando aprendizagens atitudinais, cognitivas e socioemocionais. Assim, ao articular a proposta com a BNCC e com o Currículo Paulista, garante-se alinhamento às diretrizes vigentes e às necessidades reais do contexto educacional local.

Dessa forma, o projeto foi desenvolvido para atender a uma necessidade identificada, fundamentada em teoria consistente e articulada ao currículo adotado pela Rede Municipal, no caso, o Currículo Paulista, que dialoga com a BNCC (Brasil, 2018). Ao integrar literatura afro-brasileira,

---

<sup>1</sup> A opção de bell hooks de escrever seu nome em letras minúsculas foi uma escolha política e simbólica para dar ênfase ao conteúdo de sua obra, e não à sua pessoa.

experiências artísticas e trilhas gamificadas, a prática se coloca como uma resposta pedagógica intencional, ética e inovadora, fortalecendo a formação integral das crianças e contribuindo para uma escola que efetivamente promove justiça social e uma educação para as relações étnico-raciais.

A prática pedagógica foi desenvolvida ao longo do ano letivo de 2025, organizada em três etapas principais, articuladas entre si e integradas às orientações curriculares da Rede Municipal, especialmente no que se refere à promoção da educação antirracista, ao trabalho com a diversidade cultural e à implementação da Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2023).

Todas as ações foram planejadas de forma alinhada às competências gerais da BNCC, com ênfase no desenvolvimento da empatia, do respeito, da sensibilidade estética, da criatividade, do repertório cultural e do uso crítico da tecnologia.

Esse planejamento também está em consonância com o Currículo Paulista, adotado pela rede municipal de Presidente Prudente, que orienta práticas pedagógicas voltadas à formação integral do estudante, ao fortalecimento das habilidades socioemocionais e à valorização da diversidade cultural e dos diferentes modos de aprender.

Além disso, o projeto respeitou o histórico da turma, que já estava sob responsabilidade da professora desde o ano anterior. Em 2024, a classe participou de um projeto em parceria com o Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão (NUPE/UNESP), no qual estudantes bolsistas desenvolveram práticas antirracistas, como já mencionado. Em 2025, a professora deu continuidade a esse trabalho, ampliando-o com novas estratégias, recursos e tecnologias, fortalecendo a identidade e o pertencimento das crianças.

O desenvolvimento da prática ocorreu em etapas planejadas de forma integrada, garantindo coerência entre os objetivos pedagógicos, as orientações curriculares do município e o eixo temático do multiculturalismo.

O processo teve início ainda no período de planejamento anual, quando a professora revisitou o trabalho realizado no ano anterior em parceria com o NUPE/UNESP, reconhecendo a necessidade de continuidade das ações voltadas para a educação antirracista, uma vez que os estudantes demonstraram elevado engajamento e significativo avanço no reconhecimento das culturas africanas e afro-brasileiras.

A partir dessa análise inicial, foi elaborado um plano de ação que dialogasse simultaneamente com o currículo, com o Projeto Político-Pedagógico da escola e com um diagnóstico atualizado da turma, identificando interesses, repertórios culturais e demandas formativas.

Por fim, a socialização da prática ocorreu em múltiplos espaços da escola. As produções das crianças foram expostas em murais temáticos, tanto na mostra pedagógica quanto no pátio da escola.

A primeira etapa consistiu na curadoria dos livros disponíveis na escola, com o objetivo de selecionar obras escritas prioritariamente por autoras e autores negros. A escolha das obras seguiu critérios de representatividade, protagonismo negro, valorização da ancestralidade e pertinência pedagógica para o trabalho com crianças dos anos iniciais.

Entre os livros trabalhados estão *Minha dança tem história* (bell hooks), *Princesas negras* (Edileuza Penha de Souza e Ariane Celestino Meireles), *Betina* (Nilma Lino Gomes), *No seu tempo*

(Juliana Costa), Betha, a bailarina pretinha (Bethânia Nascimento), As tranças da minha mãe (Ana Fátima), As bonecas Abayomi no Brasil (Fabiana Alves), Omo-Oba e O Mundo Black Power de Tayó (Kiusam de Oliveira); Capoeira (Sônia Rosa), Lendas Brasileiras<sup>2</sup> (Ana Paula Carneiro). As leituras ocorreram em momentos de leitura deleite, favorecendo fruição estética, acolhimento e diálogo.

As crianças registraram suas percepções por meio de rodas de conversa, ilustrações, releituras visuais e socialização de insights. Essas intervenções favoreceram a construção de vínculos entre a literatura e experiências pessoais, reforçando os valores de respeito, empatia e autoestima de forma significativa.

A segunda etapa envolveu práticas artístico-culturais que conectaram ancestralidade, imaginação, expressão estética e construção simbólica.

As crianças assistiram ao vídeo da lenda Ubuntu e participaram de uma roda de conversa sobre solidariedade, ajuda mútua e a filosofia “eu sou porque nós somos”. Em grupos, criaram maquetes em isopor utilizando massinha para representar cenas da narrativa. A atividade estimulou trabalho coletivo, expressão artística e reflexão ética.

A turma conheceu símbolos Adinkra da cultura Akan, explorando seus significados e valores. Após a discussão, cada criança coloriu um símbolo, explorando os valores à eles ligados. Essa atividade promoveu criatividade, construção de sentido e reconhecimento da sabedoria africana.

Outro momento contou com experiência de conhecer uma réplica de Baobá cedida pelo Nupe/UNESP. As crianças exploraram a árvore, registraram suas observações e produziram desenhos, remontando à cultura e ancestralidade africana. A atividade ampliou o repertório cultural e aproximou os estudantes de elementos da identidade afro-brasileira.

Todos os produtos dessa etapa foram expostos na Mostra Pedagógica Municipal de 2025, que contou com a participação de famílias, comunidade escolar e gestores.

A terceira etapa envolveu o uso de tecnologias educacionais por meio da plataforma Creator4All, disponibilizado pela Editora Multimídia Educacional. A professora estabeleceu parceria privada que permitiu criar acesso individual para cada criança, com login e senha próprios. A atividade ocorreu em visitas periódicas à sala de informática da escola.

O conjunto de trilhas gamificadas contemplou aulas com os seguintes títulos: Descobrindo as Cores da Cultura; Sons Ancestrais; Receita Divertida; Legado Linguístico; Lendas Ancestrais; África no cotidiano dos brasileiros; Influências indígenas em nosso dia a dia; Moda indígena e africana; e Brincadeiras do Brasil.

A plataforma utilizava critérios automáticos de desempenho, com gráficos, níveis de dificuldade e relatórios de progresso, permitindo acompanhamento contínuo da aprendizagem. Notas acima de 60% avançavam o estudante; abaixo de 59%, retornavam ao nível anterior, permitindo revisão de conteúdos.

---

<sup>2</sup> Apesar de não ser um livro que trata diretamente da questão da negritude, o livro foi escolhido para compor o projeto por valorizar o legado histórico, cultural e artístico brasileiro, com personagens, em sua maioria, negros. Além de ter sido escrito por uma professora prudentina e negra.

As trilhas potencializaram o protagonismo, a autonomia e o engajamento lúdico, além de integrarem o eixo de Ciência e Tecnologia, alinhando-se às competências digitais previstas pela BNCC.

Durante toda a execução, a professora realizou adequações necessárias à participação plena dos estudantes, incluindo: maior tempo de realização para alunos com dificuldades de leitura; apoio individualizado durante o uso da plataforma digital; oferta de mediação oral para compreensão de símbolos e narrativas; uso de materiais táteis (massinha e isopor) para facilitar o acesso sensorial aos conteúdos.

Essas estratégias garantiram equidade e participação integral de todos os estudantes da turma, respeitando suas singularidades.

## DESENVOLVIMENTO E EVIDÊNCIAS

O desenvolvimento da prática ocorreu conforme o planejamento descrito, articulando leitura deliberada de obras afro-brasileiras, vivências artísticas e trilhas gamificadas na sala de informática. Inicialmente, procedeu-se à curadoria do acervo escolar para selecionar obras de autoras e autores negros que oferecessem representatividade e temas pertinentes ao desenvolvimento identitário das crianças.

As leituras foram realizadas em momentos de leitura deleite, mediadas por perguntas geradoras e rodas de conversa, o que possibilitou à turma construir sentidos coletivos sobre ancestralidade, tempo, afeto e resistência.

Figura 1: Livros trabalhados e ilustrações dos educandos.



Fonte: Arquivos da professora (2025)

Em sequência, implementaram-se as experiências artísticas: apresentação do vídeo da lenda Ubuntu, construção coletiva de maquetes em base de isopor e massinha para representar cenas narrativas, estudo e criação de símbolos inspirados nos Adinkras e trabalho investigativo a partir da réplica do Baobá, cedida por instituição parceira.

Cada atividade foi documentada por meio de fotografias, desenhos e textos produzidos. Essas produções foram posteriormente organizadas para exposição na Mostra Pedagógica da unidade escolar no ano de 2025, evidenciando apropriação conceitual e protagonismo infantil.

Figura 2: Exposição das maquetes sobre a Lenda Ubuntu, expostas na Mostra Pedagógica da Unidade Escolar.



Fonte: Arquivos da Unidade Escolar (2025).

Figura 3: Baobá – Símbolo de resistência e história, na Mostra Pedagógica da Unidade Escolar (2025)



Figura 4: Adinkras pintados pelos alunos e exposição na Mostra Pedagógica da Unidade Escolar (2025).



Fonte: Arquivos da escola (2025).

Paralelamente, foi formalizada a parceria com a Editora Multimídia Educacional para utilização da plataforma Ceator4All.

Por meio dessa parceria, cada estudante recebeu login e senha individuais e participou de trilhas gamificadas que integravam conteúdos estudados em sala (cores culturais, sons ancestrais, legado linguístico, lendas, influências africanas e indígenas, moda e brincadeiras).

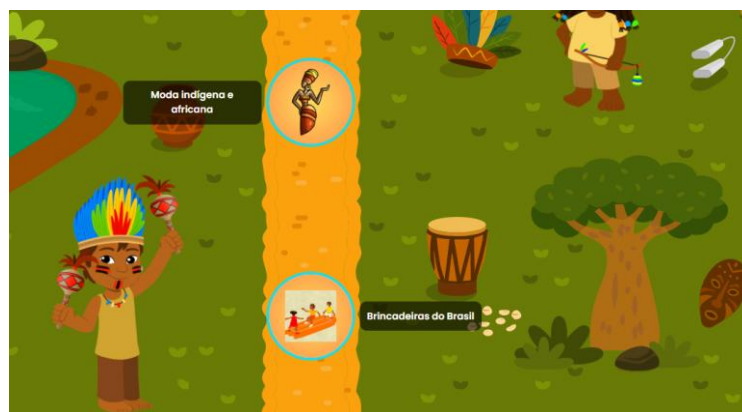
A adoção da sala de informática em visitas programadas garantiu o acesso supervisionado e a articulação entre atividades analógicas e digitais.

Figura 5- Educandos acessando a plataforma Creator4All na sala de informática da escola.



Fonte: Arquivos da professora (2025).

Figura 6 - Captura de tela de uma parte da trilha gamificada da plataforma Creator4All.



Fonte: Plataforma Creado4all (2025).

A trilha envolvia vídeos instrutivos, perguntas com respostas de completar, ligar, organizar as letras, jogo da memória, entre outros.

Figura 7 - Captura de tela de uma atividade da trilha gamificada



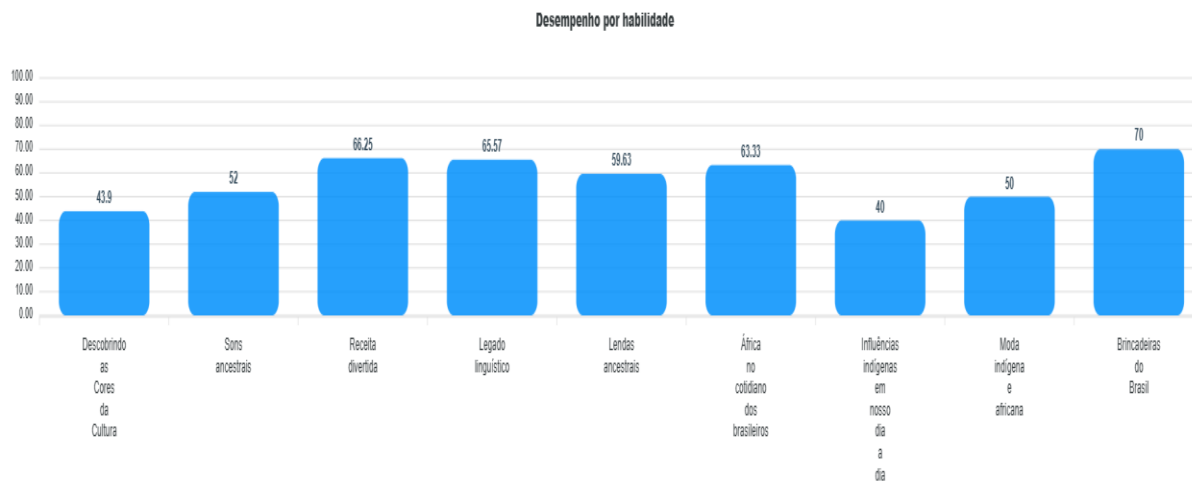
Fonte: Plataforma Creado4all (2025).

A avaliação do processo articulou instrumentos qualitativos e quantitativos. Para o acompanhamento quantitativo, foram utilizados os relatórios automáticos da plataforma (gráficos de desempenho por módulo e indicadores de avanço/regressão por nível), os quais sinalizaram médias superiores a 60% nos módulos disponíveis.

Para a avaliação qualitativa, foram organizadas as atividades já mencionadas, como: ilustrações, maquetes, textos produzidos.

Esses documentos constituíram evidências robustas do desenvolvimento de competências socioemocionais, expressivas e culturais.

Figura 8- Desempenho médio dos estudantes nas trilhas gamificadas (2025).



Fonte: Relatórios da  
plataforma Creator4All (2025).

O acompanhamento pedagógico ocorreu continuamente por meio de observações sistemáticas, registros escritos e produções das crianças. A professora dedicou-se a documentar evidências do processo, como falas significativas, reflexões espontâneas, desenhos, resenhas, produções digitais e interações.

Esses registros foram essenciais para avaliar o desenvolvimento de cada estudante, tanto em relação aos conteúdos quanto às atitudes, como respeito às diferenças, valorização da identidade negra e reconhecimento de estereótipos.

A avaliação se deu de forma processual e formativa, considerando a participação nas leituras, o envolvimento nas atividades digitais, o avanço na compreensão das temáticas afrocentradas e a capacidade de estabelecer relações entre literatura, cultura e convivência cotidiana. Os estudantes participaram ativamente desse processo, por meio de autoavaliações orais e compartilhamento coletivo de aprendizagens ao final de cada etapa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática desenvolvida representou um movimento significativo de fortalecimento da educação antirracista no cotidiano escolar, articulando literatura, cultura e tecnologia de forma integrada ao Currículo Paulista e à BNCC. O envolvimento da comunidade escolar, expresso na participação das famílias durante a Mostra Pedagógica e na ampliação do acervo bibliográfico por meio de doações, demonstrou que a proposta extrapolou a sala de aula, alcançando a escola como um todo e garantindo condições de continuidade.

As parcerias estabelecidas com o NUPE/UNESP e com a Editora Multimídia Educacional também desempenharam papel estratégico, oferecendo suporte material, formativo e metodológico que ampliou o alcance da prática. Os resultados observados confirmam o impacto positivo da proposta: maior engajamento dos estudantes, melhora no desempenho das trilhas de aprendizagem, além de avanços expressivos nas falas das crianças sobre diversidade, autoestima de estudantes negros e capacidade de argumentação sobre temas étnico-raciais.

O trabalho com narrativas literárias de autores negros possibilitou a desconstrução de estereótipos e a valorização de identidades historicamente silenciadas, em sintonia com a perspectiva de Munanga (2005), que destaca a importância do reconhecimento das contribuições africanas na formação cultural do Brasil. Assim, a utilização de obras afro-brasileiras mostrou-se não apenas representativa, mas profundamente pedagógica e política, promovendo pertencimento e ampliando a empatia entre os estudantes.

Do ponto de vista pedagógico, dialoga-se com Candau (2008) e Ribeiro (2019) ao compreender que a educação antirracista deve estar integrada ao currículo e às práticas escolares. Nesse contexto, recursos como tecnologia e gamificação atuaram como aliados, potencializando as experiências literárias e criando ambientes lúdicos, interativos e colaborativos, fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças.

Diante dos resultados, vislumbra-se a continuidade e expansão da proposta, seja pela manutenção das parcerias institucionais, pelo fortalecimento das ações de formação docente ou pela incorporação de novas obras e práticas culturais. A experiência demonstrou que projetos bem estruturados, que valorizam a diversidade e promovem a equidade, têm potencial para transformar não apenas aprendizagens, mas também relações, percepções e culturas escolares.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394/1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de educação**, v. 13, p. 45-56, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017. Disponível em:

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. **rev. Brasília**: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204 p.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo Paulista: Etapa Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Finais**. São Paulo: SEESP, 2019.